



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAIBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS**

SARA LAYSA DE AZEVEDO GOMES

**A (DES)CONSTRUÇÃO DO PARADIGMA DE “ESPOSA VIRTUOSA” EM
ALCMENA DE PLAUTO E DE GUILHERME FIGUEIREDO**

**CAMPINA GRANDE-PB
2017**

SARA LAYSA DE AZEVEDO GOMES

**A (DES)CONSTRUÇÃO DO PARADIGMA DE “ESPOSA VIRTUOSA” NA
ALCMENA DE PLAUTO E DE GUILHERME FIGUEIREDO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para obtenção de título de Licenciatura Plena em Letras, habilitação em Língua Portuguesa, pelo Departamento de Letras e Artes do Centro de Educação da Universidade Estadual da Paraíba.

Sob a orientação do Prof. Dr. Rinaldo José de Andrade Brandão

**CAMPINA GRANDE-PB
2017**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

G633d Gomes, Sara Laysa de Azevedo.

A (des) construção do paradigma de "esposa virtuosa" na Alcmena de Plauto e de Guilherme Figueiredo [manuscrito] : / Sara Laysa de Azevedo Gomes. - 2017.
24 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2017.

"Orientação : Prof. Dr. Rinaldo José de Andrade Brandão, Departamento de Letras e Artes - CEDUC."

1. Literatura comparada. 2. Teoria da comédia. 3. História das mulheres .

21. ed. CDD 809

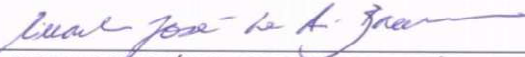
SARA LAYSA DE AZEVEDO GOMES


A (DES)CONSTRUÇÃO DO PARADIGMA DE “ESPOSA VIRTUOSA” NA
ALCMENA DE PLAUTO E DE GUILHERME FIGUEIREDO

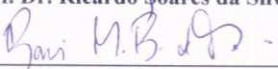
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito
para obtenção de título de Licenciatura Plena em Letras,
habilitação em Língua Portuguesa, pelo Departamento de Letras
e Artes do Centro de Educação da Universidade Estadual da
Paraíba.

Aprovada em: 13/12/2017

BANCA EXAMINADORA

 (9,5)
Prof. Dr. RINALDO JOSÉ DE ANDRÁDE BRANDÃO - UEPB (Orientador)

 (9,5)
Prof. Dr. Ricardo Soares da Silva. - UEPB (Examinador)

 (9,5)
Prof. Ranieri Machado Bezerra de Mello - UEPB (Examinador)

CAMPINA GRANDE-PB
2017

*À minha família, por todo incentivo
e dedicação.*

AGRADECIMENTOS

Deus, primeiramente e acima de tudo. Por ser sempre meu refúgio e fortaleza.

Wenia Patrícia de Azevedo, minha mãe, por todo companheirismo e cuidado que tem para comigo. Por ser a maior incentivadora dos meus sonhos. Por sempre acreditar que consigo ser melhor e posso ir mais além. Por ser exatamente quem ela é.

Maria de Lourdes, minha avó materna e meu tudo, por ser minha maior referência de professora e minha inspiração na graduação.

Ronaldo Gomes da Silva Filho (in memoriam), meu pai, embora fisicamente ausente, ele sempre foi presença.

Célia, Érika e Renata, minha avó e minhas tias paternas, respectivamente, as quais depositam muita confiança em mim.

Kaio Maia, meu namorado, por entender minhas ausências, principalmente nessa reta final da graduação. Sem a sua companhia, amor e a apoio, esse trabalho não teria o mesmo resultado.

Prof.º Dr.º Rinaldo José de Andrade Brandão, meu orientador, que despertou em mim o amor pela Língua Latina. Pela trajetória acadêmica que tivemos. Pelas leituras sugeridas ao longo desse estudo. Pela paciência nas orientações. Por ter acreditado neste trabalho. E, sobretudo, pelo incentivo que me deu durante a realização dele.

Betânia, “Tôta” e Sônia, minhas tias, por acreditarem em mim de uma forma que nem eu sei explicar, por todo cuidado e amor que sempre tiveram por mim. Por me tratarem como filha e por exercerem tão bem o papel de tia.

Iaponira, Kemilly, Larissa, e Rayssa, por serem as melhores primas, por compartilharem momentos especiais juntas, e, principalmente, por me fazerem acreditar que nunca foi preciso ter o mesmo sangue para sermos da mesma família.

À *família Maia*, que também se tornou minha família. Agradeço por todo incentivo que recebi de vocês durante a graduação. *Ana, Anderson, Fábio, Túlio e Xênia*, em especial.

Válerly, Raissa e Alyne, minhas melhores amigas, por entenderem minha ausência durante essa reta final da graduação e me mostrarem que independente disso nossa amizade continua a mesma. Amo vocês.

Ana Daniele, Amanda e Jéssica, pela companhia inseparável durante a graduação e por toda a amizade e companheirismo de vocês. Pelos dias incansáveis estudando. Pela companhia nos estágios. Pelos sorrisos, histórias e tudo que construímos juntas. Só gratidão a vocês. Meu agradecimento especial a você, Dani, pela dupla maravilhosa que foste durante esse período. Juntas aprendemos muito, não só no âmbito profissional, mas principalmente enquanto pessoas.

Lidianne Arruda, minha querida amiga, por tudo que passamos nesse período de graduação - não foram poucas coisas – mas juntas superamos tudo. Obrigada pela sua amizade e incentivo de sempre, Lidi.

João Matias e Kelly, meus amigos de graduação, que, infelizmente, só tive oportunidade de conhecer nas últimas disciplinas do curso, mas agradeço por todo conhecimento que construímos juntos e que compartilhamos durante esse período de graduação.

Danilo Leal, meu companheiro de trabalho e amigo. Obrigada por compreender minhas ausências no trabalho enquanto estudava e, muitas vezes, por realizar o trabalho sozinho durante meus afastamentos.

Lucielma Batista, secretária do curso de Letras da UEPB, por todo apoio e presteza durante esses anos de graduação. Sempre solícita aos nossos inúmeros pedidos e buscando ajudar os alunos com muita boa vontade.

Aos professores do curso de Letras da UEPB, em especial *Magliana Rodrigues e Tatiana Sant'ana*, minhas professoras de estágio, as quais me ensinaram muita coisa boa. Me arrisco em dizer que são responsáveis pela profissional que estou me tornando.

“Todas as vitórias ocultam uma abdicação.”
Simone de Beauvoir

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	8
2. SOBRE A COMÉDIA.....	9
3. A MULHER NA ANTIGUIDADE CLÁSSICA.....	11
4. A ALCMENA “PLAUTINA”.....	15
4.1. Alcmena na visão de Guilherme Figueiredo.....	19
5. A CONDIÇÃO DE ALCMENA EM UM DEUS DORMIU LÁ EM CASA E ANFITRIÃO	22
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	23

A (DES)CONSTRUÇÃO DO PARADIGMA DE “ESPOSA VIRTUOSA” NA ALCMENA DE PLAUTO E DE GUILHERME FIGUEIREDO

Sara Laysa de Azevedo Gomes¹

RESUMO: O objetivo do presente artigo é desenvolver um estudo comparativo entre a Comédia Clássica *Anfitrião*, de Plauto, e da Contemporânea *Um deus dormiu lá em casa*, do brasileiro Guilherme Figueiredo, a fim de compreender a maneira na qual ocorre a (des)construção do paradigma de “esposa virtuosa” na personagem Alcmena nas duas obras em foco. A pesquisa pode ser definida qualitativa de cunho bibliográfico. Para fundamentar nossa análise, este estudo teve como principais aparatos teóricos Hunter (1953), que aborda a teoria da Comédia Nova da Grécia e de Roma, Salles (1982), que retrata o mundo da Antiguidade de uma forma mais ampla, Sissa (1990), que apresenta a visão feminina aos olhos dos filósofos gregos e, por fim, Duby e Perrot (1990), que aborda a história das mulheres na Antiguidade Clássica.

Palavras-chave: Comédia. Guilherme Figueiredo e Plauto. Alcmena.

1. INTRODUÇÃO

Os dramaturgos da Antiguidade Clássica abordavam assuntos sobre política e sociedade, tendo em vista que este era um meio em que se propagava assuntos de importância geral para os cidadãos da época, pois a poesia era muito mais do que um passatempo à sociedade, mas um meio de transmitir ideias ao público (HUNTER, 1953). Foram poucas as obras dos comediógrafos da Antiguidade Clássica que sobreviveram à época, dentre elas, deve-se dar destaque às comédias do dramaturgo romano Plauto, as quais tiveram muito prestígio não só para a sociedade romana, mas até os dias atuais.

A comédia grega é dividida em comédia antiga, média e nova. A comédia nova teve grande repercussão em Roma, sendo transplantada para os costumes locais por Plauto, Terêncio e outros comediógrafos de menor renome. Menandro é considerado o maior representante da comédia nova grega, vale ressaltar porém que poucas obras deste período sobreviveram ao tempo. De acordo com Hunter (1953, p. 17), “a Comédia Nova estava quase que totalmente perdida até o século XX, os fados foram muito mais

¹ Aluna de Graduação em Letras – Português, na Universidade Estadual da Paraíba – Campus I.
Email: saragoomes@hotmail.com

gentis com as adaptações latinas. As obras de Plauto e Terêncio sempre foram amplamente lidas e encenadas.”

Plauto foi um dramaturgo romano que restringiu seu teatro à comédia e é notável o seu mérito à época. Pouco sabe-se a respeito da vida desse autor. No entanto, uma informação relevante é que ele trabalhou como ator, isso pode ter sido um fator que contribuiu para a escritura teatral. Não se pode negar que o principal motivo do seu sucesso é devido à qualidade de suas obras.

O dramaturgo Tito Mácio Plauto (do latim *Titus Maccius Plautus*) escreveu mais de 100 comédias, que desapareceram ou restaram apenas fragmentos, sendo atribuídas de fato a ele apenas 21 obras. Dentre elas, *Anfitrião*, que foi bastante apreciada e revisitada, a qual se diferencia das outras peças plautinas, pois aborda um tema mitológico. Na comédia, Júpiter, tomado de amor por Alcmena, que é exemplo de esposa virtuosa, transfigura-se no próprio Anfitrião para passar uma noite de amor com sua mulher, e eles passam a noite juntos, mas Alcmena, na verdade, pensa que está com o seu esposo.

Anfitrião foi uma das últimas obras que o autor escreveu e tem sido a mais apreciada e imitada desde sua estreia até os dias atuais. Plauto alcançou muito êxito em suas comédias, pois a partir delas, outros autores renomados como Shakespeare, Camões, Molière, Antônio José da Silva, e também autores brasileiros como Ariano Suassuna e Guilherme Figueiredo escreveram suas obras tendo como ponto de partida essa comédia, além de ter sido traduzida em quase todas as línguas do mundo.

Guilherme de Oliveira Figueiredo foi um dramaturgo brasileiro que abordou, na maioria das vezes, temas mitológicos em suas peças, escritas de maneira cômica. Em 1949, Guilherme Figueiredo estreou a peça *Um deus dormiu lá em casa*, e a partir daí o autor desenvolveu outras peças de caráter mitológico.

A referida comédia é uma obra inspirada no universo mitológico, baseada no *Anfitrião*, e muito se aproxima da versão original de Plauto, pois também conta a traição de Alcmena com o deus Júpiter, ainda que de forma diferente, pois o Júpiter será o próprio Anfitrião, tendo em vista que nessa obra o deus não existe, de fato, o próprio Anfitrião é que vai aparecer como Júpiter para pôr em teste a fidelidade da sua esposa.

2. SOBRE A COMÉDIA

Segundo Hunter, na Comédia Antiga o mundo é retratado de forma utópica, enquanto que, na Comédia Nova, é apresentado de forma mais real.

Aristófanes apresenta-nos um mundo onde a fantasia reina, onde tudo é possível; os heróis de Aristófanes não conhecem limites, assim como não há limites para o alcance de assuntos que a comédia antiga aborda [...] os enredos e personagens da Comédia Nova grega são realistas e críveis de uma forma que os da Comédia Antiga não são (HUNTER, 1953, p. 25).

A Comédia Antiga retrata a sociedade de forma mais ampla, embora critique-a como um todo. A comédia nova retrata um mundo mais particular, relacionada à vida privada dos personagens, tais como as relações familiares e amorosas. Porém, é importante ressaltar que não é uma representação fiel da vida real, apenas difere da maneira que é abordado na Comédia Antiga.

Muitos personagens da Comédia Romana foram reaproveitados da Comédia Nova Grega, a exemplo dos soldados, dos avaros, das sogras, dos escravos. No entanto, a forma de abordagem é diferente. Plauto, por exemplo, apresenta ao espectador a imagem de um soldado cômico e divertido, diferentemente de Menandro, que o representa como bruto e ignorante.

Os romanos instauraram espetáculos públicos (*Iudi scaenici*), em 364 a.C., como forma de entretenimento à sociedade romana. Acredita-se que, aproximadamente, dezessete dias por anos eram dedicados a esses espetáculos. Muitos dos costumes gregos ainda eram adotados pelos romanos nas peças.

Hunter (1953) afirma que as peças de Plauto mostravam uma sociedade bastante mista:

O mundo das peças é basicamente grego – as cidades onde as peças se passam são gregas, os personagens têm nomes gregos, sua vestimenta é essencialmente grega, os romanos são *barbari*, o mundo dos personagens é recheado de mitologia grega. Nesse mundo, contudo, Plauto insere elementos romanos significativos (HUNTER, 1953, p. 35).

O dramaturgo latino utiliza referencial grego para criticar a sociedade romana, embora suas peças não tenham características puramente gregas. Acredita-se que utiliza desses recursos como forma de enfatizar o humor e provocar o riso da plateia:

Plauto claramente explora cada oportunidade de humor: ao enfatizar a gregidade de seus personagens ele pode fazer sua plateia rir deles ainda mais alto, e ao usar material retirado da Roma contemporânea, ele dá à plateia o prazer do reconhecimento e da identificação (HUNTER, 1953, p.36).

A Comédia Nova faz grande uso de prólogos, ou seja, uma apresentação da obra ao espectador, a qual pode ser feita tanto por mortais como por deuses, que se dirigem diretamente à plateia. É comum que no prólogo um ou mais personagens se apresente para informar algo à plateia e depois não volte a ser mencionado na peça, ou seja, o personagem não continua no decorrer da peça, o que pode ser estranho para o leitor

moderno, como é o caso da *Comédia da Marmita*, de Plauto, o Deus Lar, não participa diretamente do enredo.

De acordo com Hunter (1953, p. 48), “o primeiro dever do dramaturgo é entreter a plateia, e a comédia sempre recrutou a ajuda dos deuses nessa tarefa.”. Diante disso, é importante mencionar *Anfitrião*, em que o personagem do prólogo é o deus Mercúrio, que participa ativamente de todo o enredo da peça, não se restringindo apenas à abertura dela.

Mercúrio, no prólogo de *Anfitrião*, inicia fazendo uma apresentação geral da obra, apresentando-se como Sósia, escravo de Anfitrião, que está a acobertar o seu pai, Júpiter, enquanto ele está em uma noite de amor com Alcmena. Nesse momento, Mercúrio faz um resumo geral do que vai tratar essa comédia e como acontecerá todo o procedimento do marido enganado.

3. A MULHER NA ANTIGUIDADE CLÁSSICA

Um tema bastante explorado desde a Comédia Antiga é o relacionamento entre homens e mulheres, que perdura até a Comédia Latina. De acordo com Hunter (1953, p. 117), todos os poetas cômicos da Antiguidade eram masculinos e a plateia era principalmente masculina.

A mulher, na Comédia Antiga, era apresentada à plateia como uma figura submissa, não só na relação conjugal, mas em muitas outras relações, como por exemplo pai e filha; além disso, necessitava ter a aprovação da plateia, considerando que eram homens e a mulher tinham o papel de agradá-los. Em conformidade com Hunter (1953, p. 117), “as mulheres na comédia só podem falar pelo seu sexo na medida em que um dramaturgo é capaz de criar uma personagem convincente.”, isto é, ser convincente e ser alguém inferior ao homem, tendo em vista que a plateia era predominantemente masculina.

No que diz respeito à Comédia Nova, a mulher já não precisa mais ser uma personagem convincente como na Comédia Antiga, pois algumas mulheres já são independentes e livres, mas não são vistas com bons olhos pela sociedade. Na peça *Samia*, de Menandro, a personagem principal (Crisis) era uma cortesã livre e autônoma que veio de Samos para Atenas. Crisis se envolveu com um rapaz da cidade, cuja mãe

articulou para que ele se separasse da amante, pois além de cortesã, ela não era uma cidadã ateniense.

Em Roma, os casamentos da época, além de serem arranjados, eram por interesse. As mulheres de classes sociais mais elevadas, geralmente, se casavam possuindo um dote alto, então, caso o marido não mais tolerasse o casamento, teria que suportar, já que casou com a mulher por interesse, o que tornava a maioria dos casamentos uma guerra.

A literatura greco-romana pode não ter dado o espaço à mulher enquanto autora, mas se falou muito dela, da sua representação e seu papel na sociedade. A mulher estava sempre relegada a um segundo plano, ocupada fazendo atividades domésticas ou cuidando do seu esposo. Diante disso:

a representação da mulher virtuosa como uma fiandeira, numa sociedade independente ao valor do trabalho, ou a representação da beleza, mais associada ao trajar que à plástica informe de um corpo quase ausente, oferecem os elementos de uma percepção do feminino (DUBY e PERROT, 1990, p. 8).

Pode-se observar que a condição feminina de “ser virtuosa” é vista apenas como uma mulher que trabalha nos serviços domésticos, como a fiandeira, a serviço do marido e dos filhos. Por este motivo, o trabalho da mulher era pouco valorizado, tido como algo feito apenas por elas ou por escravos. O corpo da mulher, flácido e sem qualidades viris, também era pouco valorizado, se comparado com o corpo masculino.

Segundo Duby e Perrot (1990, p. 10), alguns estudiosos como filósofos, teólogos, moralistas e pedagogos escrevem sobre a mulher e principalmente sobre o “ser mulher”. Na visão deles, a mulher deve ser alguém para agradar e cuidar do homem, além de fazer suas vontades. A mulher era vista como um “modelo”, alguém que não podia cometer erro. Apenas séculos depois a mulher foi vista como uma figura humana, passível a erros.

Nos grandes e renomados arquivos públicos do mundo, mulheres são retratadas apenas por meio de objetos como anel, sombrinha e vestimentas, os quais representam as mulheres relacionadas à vida doméstica e matriarcal, imagem que foi repassada de geração a geração.

De acordo com Sissa (1990), Platão enxerga a mulher como um sujeito igual ao homem, que devia ser educada e tratada da mesma maneira que eram os homens, e que possui as mesmas razões. Por este motivo, o filósofo repreende o fato de que a mulher sirva apenas para realizar atividades domésticas.

Ainda em conformidade com Sissa (1990), Aristóteles compara desde a aparência até o psicológico de ambos, alegando que o cérebro da mulher é menor do que o do homem. Sissa (1990, p. 102) apresenta o ponto de vista de Aristóteles quanto ao corpo da mulher: “o corpo feminino, no seu conjunto, parece marcado por uma série homogênea de traços que manifestem a sua natureza defeituosa, fraca, incompleta”. Aqui, é notório o quanto Aristóteles enxerga a mulher abaixo do homem em todas as circunstâncias.

Sissa (1990) apresenta como a mulher era retratada na obra aristotélica:

[...] o homem será comparado ao sol, a um rei, a um mestre, a um cavaleiro, numa palavra, a um príncipe diligente, enquanto a sua esposa será uma lua, um súbdito, um aluno, um cavalo... Qualquer iniciativa tomada activamente por uma mulher só pode ser domínio da sedução, da feitiçaria, do des pudor. A esposa deve-se limitar a uma passividade que consente, a uma adequação sistemática ao modo de vida do marido (SISSA, 1990, p.118).

Diante disso, nota-se a (não) importância e a insignificância que a mulher tem para Aristóteles, o qual acredita que a mulher deve não só estar em segundo lugar, mas, sobretudo, adequar-se ao modo de vida do marido, isto é, ser controlada pelo homem.

Solon, pai fundador da democracia ateniense, dividiu os cidadãos em classes censitárias e também as mulheres na sociedade. Segundo Salles (1982), as prostitutas eram destinadas ao prazer; as concubinas para as atividades domésticas e as esposas para dar ao homem uma descendência legítima e serem fiéis guardiões do lar. Nesse caso, observa-se, de acordo com a autora, que a esposa não servia para dar prazer ao seu esposo, e sim as prostitutas.

As esposas, na verdade, tinha apenas alguns papéis, os quais sempre a colocavam em segunda instância:

As mulheres eram desprezadas pelos seus maridos, lhes restando apenas a função de procriar com o intuito de manter o patrimônio familiar, bem como a função de cuidar dos pais na velhice. Nas questões políticas, mesmo após a reforma, a mulher continuava sendo considerada inapta para tais assuntos. Mesmo com vida baseada na submissão ao marido não se tem relatos de insubordinação, a não ser o sentimento de resignação diante de tanto desprezo (FILHO; NEVES; FILHO, 2011, p. 5).

É fato que a dominação masculina sob a mulher predomina por muitos anos, haja vista que a mulher foi subordinada ao homem durante muito tempo. Isso mostra que as mulheres não possuíam um papel social na Antiguidade Clássica, mas sim de serem esposas virtuosas. As esposas eram vistas como subservientes ao marido, enquanto que estes buscavam prazeres fora de casa, com as prostitutas.

No mundo grego, a prostituta é “mencionada como alguém que dá ao outro o prazer fácil e barato”, não só isso, mas também é vista como uma qualquer; “são relegadas, pelo menos teoricamente, a categorias de objetos de prazer desprovidas de qualquer personalidade.” (SALLES, 1982, p. 14)

Para os romanos, não era diferente, a prostituição era muito recorrente no mundo deles, pois “a busca dos prazeres físicos é indispensável em uma sociedade.” (SALLES, 1982, p. 173). A prostituta, na Roma, era símbolo de liberdade.

Os cafetões pagam uma tarifa ao Estado, os clandestinos era denunciados, perseguidos e punidos. Entretanto, não existiam prostitutas apenas nas casas públicas, Salles (1982) afirma que as mulheres que vendiam flores eram suspeitas de se prostituírem, pois ganhavam pouco e precisavam de dinheiro para sobreviverem.

Na Antiguidade Clássica, as filhas eram rejeitadas pelos pais, pois eram consideradas como inúteis e dispensáveis. Os pais colocavam as próprias filhas em exposição desde que nasciam, pois eram vendidas e traziam lucro para a casa. Por esta razão, muitas delas tornavam-se prostitutas, pois eram compradas por traficantes uma vez que davam lucro imediato.

Se a família ficasse com a filha, ocorria uma parceria entre mãe e filha, “a profissão é frequentemente transmitida de uma geração a outra: a mãe que está ficando velha aproveita-se frequentemente dos encantos da filha para reter os seus clientes; a filha se aproveita da reputação da mãe para conseguir uma clientela para si.” (SALLES, 1982, p. 54)

A prostituição existia, no mundo greco-romano, sobretudo pela necessidade de sobrevivência familiar. A única diferença entre o mundo grego e romano, nesse sentido, é que em Roma a prostituição começava de modo mais tardio, a partir dos quatorze anos, enquanto que na Grécia começava a partir dos sete.

De acordo com Salles (1982, p. 56), “numa sociedade onde o trabalho servil basta para satisfazer as necessidades da família para reabastecer os balcões dos comerciantes, uma mulher tem poucas possibilidades de viver apenas com os ganhos obtidos com seu trabalho de tecelagem.”, ou seja, se tem os escravos para realizar as atividades no comércio, o que mais uma mulher pode ter de opção se não se vender a um homem para sua sobrevivência?

4. A ALCMENA “PLAUTINA”

Como se sabe, Júpiter, maior dos deuses da mitologia romana, rei dos deuses e dos homens, é considerado um galanteador sedutor que não resiste aos encantos de uma pessoa, seja ela uma deusa ou mortal. Quando coberto de amor por alguém, faz de tudo para se envolver com tal, até mesmo se metamorfosear, como por exemplo quando se transforma em águia para conquistar Ganimedes².

Anfitrião, rei de Tebas, precisou partir para a guerra com o seu escravo Sósia, e deixou sua esposa Alcmena, que está grávida, aos cuidados da escrava, Bromia. Para o engano de Júpiter acontecer gloriosamente, o deus precisava de alguém para substituir Sósia, pois como ambos saíram juntos, ninguém iria desconfiar que não fossem eles; com isso, Mercúrio, filho alcoviteiro de Júpiter, é quem se transfigura e substitui o escravo. Já no prólogo da peça, Mercúrio apresenta a obra ao espectador:

Creio que vocês sabem como é meu pai, como ele, em caso destes, não se pinta nada para fazer a sua perninha e, quando a coisa lhe agrada, como fica todo embeijado. Júpiter começou de amores com Alcmena, às escondidas do marido, meteu-se com ela, e com proveito e, tantas lhe deu que... ei-la também grávida dela! [Anf., p. 60]

Ao voltar da guerra, os dois humanos deparam-se com a presença dos deuses na casa de Anfitrião. A representação do duplo causa uma série de confusões e enganos, e causa o riso do espectador, principalmente na cena I do primeiro ato, entre Sósia e Mercúrio, pois o deus afirma com tanta certeza que é Sósia que até o próprio Sósia³ fica desconfiado da assertiva. Mas acaba desistindo de ser Sósia, ele mesmo, para parar de apanhar de Mercúrio. Aqui, pode-se observar a estratégia utilizada pelo autor para provocar o riso da plateia.

*Mercúrio: Então tu adives-te a dizer que és Sósia?! Sósia sou eu.
Sósia: Enganei-me: o que eu queria dizer é que era o sócio de Anfitrião.
Mercúrio: Eu bem sabia que, cá em casa, não havia nenhum outro escravo Sósia, além de mim. Eu é que sou o Sósia que tu, há pouco, me dizia que eras! [Anf., p. 78]*

Na verdade, o que interessa para Plauto é provocar o riso da plateia. Em concordância com Hunter (1953), Couto (2006) afirma que Plauto estava interessado em ensinar ao público romano a rir-se das suas próprias divindades.

² Ganimedes era príncipe de Tróia. Ao vê-lo, Júpiter apaixonou-se por sua beleza, disfarçou-se de [águia](#) e o raptou para torná-lo copeiro do Olimpo.

Este constitui um dos motivos da ira de Juno contra a tropa de Eneias, no início do livro I da *Eneida*.

³ Do latim *socius*, que significa companheiro, associado, aliado. Sósia, nesse sentido, era conhecido por esses adjetivos, pois era tudo isso do seu patrão, Anfitrião.

Atualmente, o termo “sósia” é usado para definir pessoas parecidas. Acredita-se que a origem desse nome veio do *Anfitrião*, que indica cópia humana.

Anfitrião, como rei de Tebas, possui relevância para a sociedade. E sua esposa, Alcmena, é vista e reconhecida por todos os tebanos como a esposa virtuosa, dentre todas as mulheres de Tebas:

Anfitrião cumprimenta com alegria a sua almejada sorte, aquele que ele considera a melhor de todas as mulheres de Tebas, e que até os tebanos tanto exaltam pelo sua virtude. [Anf., 100]

A imagem de Alcmena é frequentemente retratada através de termos que exprimem submissão e fidelidade. Ela mesma acredita que deve ser obediente e subserviente ao seu esposo:

Que ele esteja longe de mim, contanto que volte a casa cumulado de louvores; hei-de suportar e sofrer, até o fim, a sua ausência, com coragem e firmeza, se em troca me for dado que meu marido seja proclamado vencedor da guerra: considerar-me-ei satisfeita. [Anf., p. 97]

Nesta passagem, percebe-se que, para ela, não importa o que aconteça com ela mesma, pode sofrer com a ausência do marido, mas suportará, com coragem, se ele for o vencedor da guerra. Enquanto Anfitrião está na guerra, Júpiter chega transfigurado de Anfitrião para enganá-la e consegue. Alcmena, na realidade, é enganada não pelo seu esposo, mas pelo próprio Júpiter, sendo vítima das circunstâncias, como retrata uma fala de Mercúrio *Que sabido é o meu digno pai! Vejam bem com que denguiques ele adula a fulana! [Anf., p. 85]*

Em suma, Mercúrio afirma:

Nesta altura, o meu pai está aqui dentro a satisfazer os seus desejos. Está na cama, todo agarradinho ao objeto da sua violenta paixão. São as suas façanhas em combate que o meu querido pai está a relatar a Alcmena! Esta toma-o pelo marido, mas é com um amante que ela está. [Anf., p. 60]

A maneira que Mercúrio faz menção à Alcmena, nessa passagem, leva o espectador a entender que Alcmena está sendo enganada por Júpiter, sem saber o que se passa, efetivamente. Ou seja, imagina que está com Júpiter e não com Anfitrião.

Na cena I, do primeiro ato, em que Mercúrio e Sósia se encontram, Sósia está falando sozinho, quando diz: *Aqui está uma noite decretada para derrear uma puta das bem pagas! [Anf., p. 66].* E Mercúrio logo replica: *Pelas palavras deste gajo, meu pai tem toda a razão para estar na cama, abraçado a Alcmena, todo ele apaixonado e a satisfazer a sua paixão. [Anf., p. 66].*

Salles (1982) aponta que as prostitutas eram destinadas ao prazer. Então, nesse caso, Alcmena pode ser considerada como uma prostituta que serve apenas para satisfazer os desejos do deus.

É importante observar até que ponto vai essa submissão de Alcmena. Quando o esposo, desconfiado, começa a questionar com quem ela passou a noite anterior, senão

com ele, isso vai gerando revolta nela, mostrando autonomia: *Acredito muito mais em mim própria; e sei bem que as coisas se passam exatamente como te digo. [Anf., p. 108].* No entanto, embora aparentemente Alcmena possua autonomia, dizendo acreditar nela própria, ela se lamenta o tempo todo porque o esposo não acredita nela: *Estou espantada com a mania que deu ao meu marido de me acusar injustamente de um crime tão grave! [Anf., p. 119].*

A desconfiança de Anfitrião para com Alcmena vai muito além de uma traição entre casal, mas é importante o fato da desmoralização do marido, por ser visto como traído aos olhos da sociedade tebana. Logo ele, o rei, é o enganado da cidade, pela melhor e mais virtuosa das esposas tebanas e ficará mal visto aos olhos do povo, destruindo a sua moral perante à sociedade.

Em concordância com (DUBY e PERROT, 1990), Macedo (1997) afirma que entre os romanos permaneceu a ideia da “inferioridade natural” da mulher. As mulheres não tinham nenhuma função além de limitar-se à *domus*, que era governada pelo marido. Diante disso, como fica a situação de Anfitrião?

O tebano xinga a sua esposa, afirmando que ela, de fato, o traiu:

*Anf: Alguém se aproveitou da minha ausência para seduzir esta mulher.
 Alc: Pelo amor de Deus, homem, por que é que dizes isso?
 Anf: Eu, teu homem? Ah, minha falsa! Não me chames nomes falsos!
 Alc: Mas que mal te diz eu, se estive contigo, que és meu marido?
 Anf: Estivesse comigo, tu? Mas já se viu um descaramento maior do que este? Se perdeste toda a vergonha, ao menos arranja-a emprestada!
 Alc: Juro-te pelo reino do rei supremo e por Juno, padroeira da família – que eu devo respeitar e temer acima de tudo -, que nenhum homem, a não ser tu, tocou com o seu corpo no meu corpo para atentar contra a minha honra.
 Anf: Oxalá isso fosse verdade! És mulher – em juramentos destemida!
 Alc: Toda aquela que não pecou deve ser destemida e defender a sua causa com confiança e desassombro.
 Anf: La destemida à farta és tu!
 Alc: Como convém a uma mulher honesta!
 Anf: Honrada, sim, mas de garganta!*

[Anf., p. 116 e 117]

Nesta passagem, nota-se que é o clímax da história, o ponto mais alto, em que Anfitrião claramente julga a sua esposa de traidora, desonrada, falsa e desonesta por ter passado a noite com alguém que não fosse ele. No entanto, Alcmena continua sendo inocente e destemida, pois, se ela afirma não ter traído o esposo, por que temer?

Anfitrião, portanto, busca todos os artificios para provar que Alcmena foi infiel. Ele foi a procura do primo de Alcmena, Náucrates, para depor que estavam juntos e que não era ele que estava com a esposa. Enquanto realiza a procura, Júpiter regressa à peça, no terceiro ato:

Vim em socorro de Alcmena, que Anfitrião, o marido, acusa injustamente de desonestidade. É que eu seria bem culpado se a falta, que eu cometi, recaísse sobre a inocente Alcmena. [Anf., p. 119]

Aqui, Júpiter reaparece para Alcmena, mais uma vez dizendo ser o esposo, deixando-a confusa, mas tudo é “resolvido”:

‘Júpiter: É que na vida de uma pessoa dão-se muitos casos como este: aos prazeres sucedem-se as desgraças; / às zangas, às pazes. Mas se, por acaso, entre duas pessoas que se amam ocorrem zangas como esta, uma vez feita as pazes, redobra o seu amor.

Alcmena: Melhor fora que tivesses começado por evitar os insultos. Mas, já que me pediste desculpa, devo esquecer tudo. [Anf., p. 123]

Por outro lado, Anfitrião não consegue encontrar Náucrates, que seria a única solução para o seu “problema”. E regressa pra casa para *continuar o inquérito, até que Alcmena deslinda quem foi o tipo por quem ela se cobriu de infâmia. (p. 127)* Enche Alcmena de perguntas mais uma vez, e ela fica sem entender nada, já que tinham acabado de fazer as pazes. E Anfitrião volta a ofendê-la: *Anfitrião: ...uma mulher que, na minha ausência, andou a oferecer o corpo a toda gente.” [Anf., p. 131].*

A situação só é, de fato, revolvida quando Júpiter desce de uma nuvem para esclarecer a situação e explica que quem passou a noite com Alcmena foi ele, tornando Anfitrião o traído da história e colocando Alcmena na condição de infiel, tendo a sua virtuosidade desconstruída aos olhos da sociedade. Alcmena, portanto, torna-se amante de Júpiter, ainda que involuntariamente, por uma noite na qual o próprio deus prolonga para aproveitá-la melhor.

É válido ressaltar que o amor que Anfitrião sente por Alcmena, e vice-versa, é colocado à prova e é desmoronado, pois Alcmena se descobre verdadeiramente mulher na noite que passa com Júpiter, acreditando ser o próprio marido. A virtuosidade dela desfaz-se totalmente, tornando-se uma pessoa ambígua: ela trai porque passou a noite com o deus, mas na verdade “não trai” porque ela não sabia. Então o amor é desfeito, diante da traição.

Júpiter aparece, do alto de uma nuvem, esclarece a situação e pede que Alcmena não seja recriminada, pois a culpa é dele. Anfitrião, portanto, conforma-se com a traição e aceita toda a situação, revelando que a convenção está acima de todas as coisas, inclusive do amor.

É certo que a aparência de ambos estava igual. No entanto, as diferenças de dois seres vai muito além da aparência física. É justamente essa questão que coloca em à prova a virtuosidade de Alcmena, pois ela não é capaz de distinguir o seu próprio

esposo, com quem convive diariamente, de Júpiter, uma divindade. A incapacidade dela de fazer a distinção entre ambos revela a falta de adequação do próprio amor.

4.1. Alcmena na visão de Guilherme Figueiredo

A peça inicia-se na ante sala da casa de Anfitrião, onde inicia com um discurso de Demagogós, apresentando aos romanos que Anfitrião foi escolhido para ser o general de Tebas, por Creonte.

Alcmena, em conversa com a sua escrava, Tessala, confessa que acha a situação estranha, pois o adivinho, Tirésias, disse que nesta noite algum homem dormiria na casa do casal, na noite de comemoração de aniversário de casamento de Alcmena e Anfitrião. Coincidentemente, na mesma hora, Creonte denomina Anfitrião como chefe de Tebas e ele terá que partir na mesma noite. Alcmena não demonstra tristeza com a partida do marido, pois deseja sua vitória na guerra. No entanto, Anfitrião se mostra um marido muito ciumento por causa da atitude dela:

Anf: Parece que você está satisfeita com isto... Ainda não ouvi a tua lamentação pelo fato de eu ir pra guerra [...] Até parece que você está ansiosa para que eu vá para esta estúpida guerra! [Um deus dormiu lá em casa, p. 13]

Logo depois, Anfitrião, receoso, confessa que está com medo de ir para a guerra e deixá-la sozinha:

Anf: Essa gente, Alcmena, virá aqui te importunar. Eu não quero, Alcmena, eu não quero...

Alc: Você não confia em mim?

Anf: Confio. Desconfio mas é deles. Um guarda do cemitério de Éfeso seduziu uma das mais respeitáveis matronas, que estava velando o cadáver do marido⁴... Chega o momento em que... Você está me entendendo? É maior do que as nossas forças...

Alc: Os deuses me protegerão.

Anf: Lá vem você com os deuses... Quanto a isto, estou seguro, porque não existem.

[Um deus dormiu lá em casa, p. 14]

⁴ Referência à matrona de Éfeso no *Satyricon*, de Petronio. Trata-se de uma anedota que Encólpio ouve quando viajava no navio de Licas. Em síntese, A matrona era uma mulher honrada e virtuosa, casada em Éfeso. Quando o seu esposo faleceu, passou dois dias no cemitério acompanhando seu esposo, como era um costume grego. Não queria a presença de ninguém além de sua fiel escrava. Até que um soldado aparece e a seduz, e eles passam três dias dentro do túmulo, para que não desconfiem da virtuosidade dela.

Guilherme Figueiredo também fez uma adaptação desta obra, intitulada “A muito curiosa história da virtuosa matrona de Éfeso”.

No entanto, Anfitrião não acredita em deuses e, para ele, os deuses não são uma ameaça ao seu casamento, mas sim os homens da cidade. Já Alcmena, é uma mulher devota aos deuses:

Ao contrário de Anfitrião, eu creio nos deuses, com toda a minha fé. Sou zeladora do templo de Apolo, pertencço à irmandade das levadoras da estátua de Júpiter, cumpro os sacrifícios. Júpiter me atenderá, Júpiter sempre fez tudo que peço. [Um deus dormiu lá em casa, p. 11]

Quando Anfitrião pergunta se Alcmena seria capaz de traí-lo, ela afirma que só se fosse com o próprio Júpiter, mas ainda na condição de Anfitrião fazer o sacrifício a Júpiter.

Anfitrião e Sósia encontram-se e o escravo pede ao seu senhor para ficar, e não ir à guerra, para cuidar da casa e das mulheres, Alcmena e Tessala, para não cumprir a profecia de Tirésias. Até que decidem voltar do campo de batalha para testar a fidelidade das esposas. Mas a única forma que encontraram de fazer isso foi se passando por Júpiter e Mercúrio. E é a partir disso que desenrolar-se-á toda a história.

Alcmena possui um amor muito grande pelo seu esposo e vice-versa, e são conhecidos como a família mais respeitada e admirada de Tebas. No entanto, Alcmena é muito devota aos deuses, sobretudo a Júpiter. Então, quando acha que está diante do deus em sua própria casa, não pensa duas vezes em recebê-lo em seus braços:

Anfitrião (fingindo ser Júpiter): Eu sou um deus. A um deus a gente deve dar tudo.

Alcmena: Não tem sido outra a minha maneira religiosa de proceder.

Anfitrião: Quer dizer que trairias o teu marido com Júpiter?

Alcmena: Não é um sacrifício lisonjeiro? Não devo estar orgulhosa de terdes preferido a mim, e não a uma outra mulher? Vinde, Senhor, estou pronta a receber-vos! [Um deus dormiu lá em casa, p. 33]

Alcmena, na verdade, se mostra uma pessoa infiel para com o esposo, muito embora diga amá-lo:

Anfitrião: [...] Vim aqui somente impedir que um homem te violasse durante a ausência do teu marido.

Alcmena: Para isto? Ah, Senhor, nunca me senti tão ofendida... Sempre desceste à terra com o olho nas mais belas mortais... E a mim, logo a mim, vens dizer que estás aqui para proteger-me? Não faz tal afronta a uma mulher, Senhor.

Anfitrião: Alcmena, eu quero apenas proteger-te contra os que te cobiçam...

Alcmena: Aí está uma hora em que as mulheres não precisam da proteção divina: ou se defendem, ou se entregam. Acaso não sou digna? Olha bem pra mim... Por acaso Europa tinha cabelos mais longos, e a testa mais pura? E meus ombros? Olha-me bem, Júpiter.. Será que lo tinha uma cintura como esta? [Um deus dormiu lá em casa, p. 34]

O que se observa, nessa passagem, é que Alcmena é uma dona de casa que aguarda o marido, mas que sente vontade de outras aventuras. Já Anfitrião, é o guerreiro que sai para a guerra e deseja da esposa apenas fidelidade, o que não foi observado nesses versos. Ainda que ela queira se entregar ao deus por uma questão de fé, ou de devoção, não tira a culpa dela de infiel. Inclusive, sente orgulho em trair seu esposo com um deus:

Anfitrião: [..] Mas, afinal de contas, por que queres que eu seja assim, se és fiel ao teu marido?

Alcmena: Por vaidade feminina, e por fé. Quem acreditará que um deus dormiu em minha casa, se eu disser que nada aconteceu entre nós dois?

Anfitrião: (num susto) Pretendes contar que eu estive aqui em tua casa?

Alcmena: Não a todo mundo, é claro. Mas algumas amigas morreriam de inveja.

Anfitrião: E não te envergonharias de transformar teu marido num marido enganado?

Alcmena: Enganado por um deus... Isto poderia até servir para convertê-lo...

Anfitrião: Achas que ele ficaria orgulhoso?

Alcmena: Então não é caso para orgulho? Ele poderia ir até ir para o Olimpo, quando morresse! [Um deus dormiu lá em casa, p. 39]

É válido mencionar que Alcmena se oferece o tempo todo para o deus, insinuando-se e repetindo que não é merecedora dos deuses, pois Júpiter – na verdade Anfitrião – não o quer. Até conseguir passar a noite com o “deus”.

Anfitrião, decepcionado com a esposa, assume o que fez:

Era eu... era eu mesmo! Me levaste para o quarto... Teus olhos brilhavam mais do que comigo... Tuas mãos estavam mais macias... E teu beijo, o teu melhor beijo, não era pra mim, era pra esse deus lascivo, cujo corpo adoraste mais do que o meu carinho, mais do que todos os meus carinhos! [Um deus dormiu lá em casa, p. 50]

Ao mesmo tempo, logo replica dizendo que não era ele, que era Júpiter, para se sentir menos afrontado diante de sua esposa.

No entanto, todos os tebanos já sabem que a profecia se cumpriu e alguém passou a noite com Alcmena. O casal afirma ao povo que Júpiter passou a noite com Alcmena, embora saibam que não é verdade. Anfitrião revela, com muita naturalidade, que é um marido enganado, aceitando toda a situação em que ele mesmo se colocou.

5. A CONDIÇÃO DE ALCMENA EM UM DEUS DORMIU LÁ EM CASA E ANFITRIÃO

Ainda que a comédia *Um deus dormiu lá em casa* tenha sido inspirada em *Anfitrião*, observa-se diferenças desde à estrutura até o conteúdo das obras. *Anfitrião* é dividida em 5 atos, enquanto que *um deus dormiu lá em casa* só possui 3 atos. Na obra de Plauto, os deuses fazem parte do enredo, na de Figueiredo não. Ademais, *Um deus dormiu lá em casa* não possui prólogo, já que não tem Mercúrio – que é quem faz o prólogo de *Anfitrião*.

Em *Um deus dormiu lá em casa*, Anfitrião não acredita nos deuses. Já na obra de Plauto, ele é devotado aos deuses. No entanto, na obra de Guilherme Figueiredo, percebe-se que, no final, Anfitrião assume acreditar nos deuses e fica ainda mais humilhado perante à sociedade. Essa atitude dele tem um impacto ainda maior, pois ele além de assumir ter sido traído sem ser, ainda admite a existência dos deuses, perante todos os tebanos, mesmo sem acreditar, ficando desmoralizado pela própria esposa, que, na verdade, se mostra muito astuta.

Nas duas peças, Alcmena possui grande prestígio para a sociedade e vista como uma esposa virtuosa, que possui muito amor pelo marido e que, para ela, a família está em primeiro lugar.

Alcmena, em Plauto, não é capaz de reconhecer o próprio marido. Já em *Um deus dormiu lá em casa*, manipula o seu próprio esposo, fingindo que não sabe que ele é quem está se passando por Júpiter, tornando a situação dele ridícula, pois ela sabe que é uma farsa.

Apesar de Alcmena, na versão de Plauto, ter menos destaque, ela não deixa de ser uma peça chave na obra, além de ser vítima das circunstâncias. Enquanto que, na obra de Guilherme Figueiredo, Alcmena possui um papel ativo que, apesar de sua condição de esposa do famoso comandante grego, não se deixa levar por ele.

O que interessa é que Alcmena, nas duas obras, é a personagem mais ambígua da peça. Na versão de Plauto, ela não trai, mas ao mesmo tempo trai, ainda que involuntariamente. Na versão do Guilherme Figueiredo, ela não trai mas diz que trai para ridicularizar o ciúme do esposo.

THE DECONSTRUCTION OF THE VIRTUOUS WIFE PARADIGM IN ALCMENA OF PLAUTO AND GUILHERME FIGUEIREDO

ABSTRACT: The objective of this article is a comparative study between a classic comedy *Anfitrião*, of Plauto and the contemporary *Um deus dormiu lá em casa*, of the Brazilian Guilherme Figueiredo, in order to understand the way in which occurs a (des) construction of the paradigm of "Virtuous wife" in the character Alcmena in the two works in focus. The research can be defined as qualitative bibliographically. In order to base our analysis, this study had as main theoretical apparatuses Hunter (1953), which approaches the theory of the New Comedy of Greece and Rome, Salles (1982), which approaches the world of antiquity in a broader way, Sissa (1990) who presents the female view through the eyes of the Greek philosophers and, finally, Dubby and Perrot (1990), that approach the history of women in classical antiquity.

Key words: Comedy. Guilherme Figueiredo e Plauto. Alcmena.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DUBY, Georges et PERROT, Michelle. Escrever a história das mulheres. *In: História das Mulheres: A Antiguidade*. Vol. 1. Lisboa: Afrontamento, 1990.

FIGUEIREDO, Guilherme. Um deus dormiu lá em casa. *In: Um deus dormiu lá em casa, A raposa e as uvas, Os fantasmas e a muito curiosa história da virtuosa matrona de Éfeso: quatro peças de assunto grego*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S.A, 1964.

FILHO, FILHO, NEVES. Mário, Renilto, Nadja. **Mulher na Antiguidade Clássica: sua importância nas esferas Jurídico-Social das Cidades-Estado de Atenas E Esparta**. p., 1-10, 2011. Disponível em: < http://www.redireito.org/wp-content/uploads/2013/05/4-Artigo_IJENPC_OLIVEIRAFILHO.pdf > Acesso em: 15 nov. 2017.

HUNTER, Richard L - 1953. **A comédia nova da Grécia e de Roma**. Tradutor: Rodrigo Tadeu Gonçalves. Curitiba: Editora UFPR, 2010.

MACEDO, José Rivair. A mulher nas sociedades romana e céltica. *In: A mulher na idade média*. 3. ed. – São Paulo: Contexto, 1997.

PETRÔNIO. **Satiricon**. São Paulo: Abril Cultural, 1981.

PLAUTO. Anfitrião. I. Introdução, tradução do latim e notas de Carlos Alberto Louro Fonseca, Aires Pereira do Couto, Walter de Medeiros, Cláudia Teixeira e Helena Costa Toipa. *In: Comédias*. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2006.

SALLES, Catherine. **Nos submundos da Antiguidade**. São Paulo: Brasiliense, 1982.

SISSA, Giullia. Filosofias do gênero: Platão, Aristóteles e a diferença dos sexos. *In: História das Mulheres: A Antiguidade*. Lisboa: Afrontamento, 1990

VIRGÍLIO. **Eneida**. Tradução: SPALDING, Tassilo O. São Paulo: Círculo do livro, 1994, p. 19-35.